



# 2023

## ANO DA REGRA DE VIDA DOS FRADES MENORES



### CAPÍTULO X

# Ressignificar a compreensão das relações fraternas entre autoridade e obediência. Possuir o Espírito do Senhor e os comportamentos fundamentais do Irmão Menor.

## AS RELAÇÕES FRATERNAS A PARTIR DA OBEDIÊNCIA

O 10º capítulo da Regra Bulada (RB) nos põe o tema da obediência. Ele é central para pensarmos as relações fraternas dos Irmãos Menores. Aparece não somente ali mas em vários outros importantes escritos de São Francisco. De modo geral, Francisco via a si mesmo e a sua fraternidade posta como que num “espaço” de obediência: A Regra se inicia com a declaração de que Francisco promete obediência ao Papa e à Igreja de Roma; todos os irmãos prometem obediência a Frei Francisco e a seus sucessores (RB 1,2-3); quando novos irmãos são recebidos no grupo, eles são admitidos à obediência (RB 2,11), não propriamente a um convento ou a uma instituição; e a partir daí passam a viver com os irmãos que prometeram obediência (RB 2,14); a autoexclusão do grupo é um “andar pelo mundo fora da obediência” (RnB 5,19).

## Fundamento da obediência

Para vislumbrar o que seja a obediência franciscana é preciso ter em mente o grande Obediente, o Cristo Jesus. Pois a obediência entre os Irmãos Menores só pode ser compreendida a partir desse modo de ser próprio do Cristo. São Francisco, na 2Fi 10, nos diz que o Filho “abandonou sua vontade na vontade do Pai quando disse: Faça-se a tua vontade (Mt 26,42); não como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,39). E deu a sua vida para não faltar à obediência devida ao seu Santíssimo Pai (Ord 46). Mesmo quando a vontade do Pai lhe parecia incompreensível, continuava repetindo que se cumprisse a vontade dele e não a sua, como aconteceu no Monte das Oliveiras (Mc 14,36).

Nesse sentido, fazer profissão na fraternidade dos Menores é entrar na escola da obediência daquele que aprendeu a obedecer por meio dos sofrimentos e que foi fiel à vontade do Pai até a morte e morte de cruz. Já na encarnação, vindo ao mundo no seio da Virgem obediente e pobre, Jesus abraçara o caminho da obediência divina.

Assim, a ideia e praxe da obediência em São Francisco tem sua origem no seguimento de Cristo, enquanto resposta ao Evangelho, acolhido como graça e assumido como *forma vitae*. Podemos afirmar que, na experiência franciscana, o viver se resume e se consoma na obediência, no deixar-se sujeitar e dirigir pela multiforme ação de Pai, em Cristo, por seu Espírito que tudo abarca e em tudo atua. Para o irmão menor, viver é obedecer, desejando sempre possuir o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar (RB 10,9).

Ainda podemos dizer que a obediência de Francisco e de seus irmãos é a inevitável e necessária atitude da criatura quando se descobre como dom e como ser de predileção nas mãos de Deus Criador e do Filho Redentor, elevada e dignificada porque feita à imagem e semelhança do Filho de Deus (Ad 5).

## Autoridade e serviço

Ao tratarmos da obediência, sempre a questão de fundo, como vemos na Regra não Bulada (RnB 4,5), é o serviço. A autoridade do ministro, por exemplo, para São Francisco, não vem de um poder qualquer, ou da vontade de poder, mas do serviço evangélico. Ela é um serviço no vínculo da caridade, uma vez que só um é o Pai de todos e “vós todos sois irmãos” (Mt 23,8). Ela é serviço de vigilância fraterno-maternal em relação aos irmãos. Para São Francisco, ela é a expressão máxima da humildade: o ministro, o que exerce a autoridade, é o servo humilde dos irmãos como aquele que está

encarregado de lavar-lhes os pés, e de servi-los em vista da comum utilidade (RB 8,4). A autoridade aqui tem conotação servil, expropriada, subordinada ao outro. Não há outro ofício ou função fundamental que distinga os frades menores a não ser o lavar os pés uns dos outros (RnB 6,4). Os outros serviços ou ofícios estão em função deste que é anterior e primário: não se trata de uma “ascensão”, mas, ao contrário, uma descida ao radical nível do serviço.

## Obediência entre os irmãos

Os frades, consentindo que suas vidas sejam plasmadas pela obediência ao Evangelho – e esta é sua profissão – necessariamente se abrem a seus irmãos em total disponibilidade e acolhida à ação do Senhor e de seu Espírito, permanecendo unidos e sujeitos uns aos outros. Sendo todos menores (RnB 6,3), todos são submissos entre si, não se excluindo nem mesmo o ministro, que é chamado de “ministro e servo” – como encontramos na RnB 4,5 –, convocado a lembrar-se do Senhor Jesus Cristo que não veio para ser servido mas para servir (Mt 20,28). Ainda no capítulo 10º da RB, que estamos analisando, percebemos que, no fundo, todos são súditos e servos, pois todos se propõem a renunciar à própria vontade, em nome e por força do amor de Deus. Nos versos 4-5, por exemplo, os ministros, ao acolherem irmãos em dificuldade, devem fazê-lo caridosa e benignamente e devem tratá-los com tanta familiaridade que os irmãos possam falar e haver-se com eles como senhores (os súditos) para com seus servos (os ministros).

A “categoria” ministro, no forte binômio “ministro e servo”, coloca a todos – ministros e súditos –, na mesma condição diante de Jesus Obediente, que, sendo Senhor junto do Pai, fez-se súdito e servo dos seres humanos, renunciando também ele à sua vontade própria (Fl 2,6-11). Por amor e para a vida de todos, obedeceu ao Pai e entregou-se à morte de cruz. Não existe poder nem autoridade maior do que aquela que o Senhor Jesus Cristo conseguiu com sua obediência ao Pai (2Fi 11-15).

Na realidade, a relação de obediência entre os irmãos não se dá entre eles propriamente, mas entre eles e o Grande Obediente. Ao obedecerem-se mutuamente, os irmãos põem-se no seguimento do Cristo Obediente, e, nessa condição, também eles buscam obedecer ao Pai, que tudo faz por amor. O amor é a grande medida da obediência e do serviço. Neste sentido, obedecer é amar generosa e abnegadamente o mistério do Senhor que se esconde e se revela em cada irmão.

Decorrente disso, na fraternidade de menores, todos dependem de todos, porque todos são guardiães dos próprios irmãos (RB 6,9). Ninguém é autônomo na fraternidade reunida para viver o Evangelho. Não se vive para si e para fazer a vontade própria. Os irmãos ajudam-se mutuamente em suas necessidades pois vivem na familiaridade fraternal e materna: “E onde estão e onde quer que se encontrarem os irmãos, mostrem-se mutuamente familiares entre si. E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade, porque, se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual (RnB 6,8)?”

Ícone da familiaridade franciscana, conjugada com a obediência, é o bilhete de São Francisco a Frei Leão: “Teu **irmão** Frei Francisco deseja-te saúde e paz. Assim te digo, meu **filho**, como **mãe**: coloco brevemente nesta frase todas as palavras que falamos pelo caminho e te aconselho; e se depois precisares por motivo de conselho vir a mim, assim te recomendo: qualquer que seja o modo que te pareça melhor agradar ao Senhor Deus e seguir suas pegadas e sua pobreza, faze-o com a bênção do Senhor Deus e com a **minha obediência**. E se te for necessária outra consolação para tua alma e se quiseres vir a mim, Frei Leão, vem”.

Para nós, é importante ressaltar que na obediência “se corporifica” uma liberdade magnânima. A obediência não nos limita. Ela nos liberta. O exercício da obediência nos abre à grande liberdade: a de não sermos dominados pelo eu-próprio e pelos nossos subjetivismos. Não se trata de autoanulação – o que seria contra a vontade de Deus Criador –, mas, o quanto possível, de livramento de nossas tendências egocêntricas.

## Ministro e súdito

Obedecer como súdito vai bem além de uma simples execução de ordens ou tarefas recebidas. Como também ser ministro não significa mandar, exigir ou baixar decretos a modo de quem tem poder ou autoridade como os “príncipes e senhores do mundo”. A obediência para São Francisco não é a execução de ordens dadas por um “superior” e nem é um instrumento para que algo funcione bem e de modo eficiente dentro de um determinado contexto. Não é categoria organizacional voltada para um objetivo dentro ou fora da fraternidade.

O “ministério dos irmãos” por parte do irmão ministro (a autoridade) não é fazer valer a lei – na linha de uma função simplesmente jurídica –, mas é recordar sempre a todos a necessidade de abrir-se à ação do Espírito, não para conseguir uma uniformidade geral, mas sim a docilidade dos irmãos à livre iniciativa e multiforme ação do Espírito do Senhor. Por outro lado, o ministro não deve furtar-se ao serviço de ordenar por obediência, evitando a todo custo, é lógico, tudo que beire a capricho e arbitrariedade (RB 10,3).

Ministro e súdito são apenas duas formas diferenciadas do mesmo ordenamento, duas articulações do mesmo mistério, instituídas pelo vigor originário de toda a fraternidade: a obediência de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com esse princípio, a fraternidade livra-se de todo e qualquer senhorio, dominação, bajulação ou subserviência. Nenhuma outra competição verificar-se-á entre os irmãos a não ser e tão somente aquela que vem de nossa origem: servir como o Senhor serve.

É lógico que a fraternidade precisa encontrar caminhos para instituir o serviço de apoio à vida dos irmãos na concretude do cotidiano. Designa “irmãos para irmãos”. Há sempre papéis diferentes a se exercer dentro da “casa da obediência”, mas jamais diferentes classes de irmãos.

## Obediência e pobreza

A santa obediência tem relação estreita com a Dama Pobreza (RnB 5,19). A obediência talvez expresse a pobreza na sua mais alta condição. De fato, dentre todas as expropriações que podemos fazer na vida, a mais difícil é certamente aquela do eu-próprio e da vontade própria. Essa renúncia, pela obediência, custa-nos muito mais do que o desaparecer-se de bens e de posses. Porque, mal entendida, a obediência nos tolheria a liberdade. Bem o contrário, porém, é o que acontece. A obediência nos assegura a liberdade maior, aquela que nos disponibiliza inteiramente a Deus e ao próximo. A 3ª Admoestação nos fala disso: “Abandona tudo quanto possui e perde seu corpo aquele que se oferece totalmente à obediência nas mãos do seu prelado... E se o súdito vê algo melhor e mais útil à sua alma do que aquilo que o prelado lhe ordena, sacrifique voluntariamente as suas (opiniões) a Deus; procure, porém, realizar em obras as que são do prelado. Pois, esta é a obediência caritativa, porque satisfaz a Deus e ao próximo”.

Acentuando também fortemente o respeito que se deve à consciência individual do súdito, Francisco nos dá a garantia de que a obediência não lesa a dignidade e a liberdade da pessoa. Na mesma 3ª Admoestação, elucida que, se o prelado ordena algo contra a alma do irmão súdito, este, conquanto não lhe obedeça, não o deve abandonar.

A obediência assim compreendida não é comumente encontrada. Ele constitui um carisma distinto e específico na Igreja, que identifica São Francisco e sua fraternidade de Menores.

## Obediência estendida

A Saudação às Virtudes (SV) é um texto paradigmático de São Francisco quanto à profunda e ampla obediência por ele vivida e proposta aos seus irmãos. Os últimos versos dão por certo que “a santa obediência confunde todas as vontades próprias... e mantém o corpo mortificado para a obediência ao espírito e ao seu irmão, e torna o homem súdito e submisso a todos os homens que há no mundo, e não somente aos homens, mas também a todos os animais e feras, para que possam fazer dele o que quiserem, tanto quanto lhes for permitido do alto pelo Senhor”.

Francisco, diante do Cristo Senhor, escolhe, para si e para os seus, a obediência e o nome de frades menores (RnB 6,3), os quais são “submissos a toda criatura por Deus” (RnB 16,7). Francisco não sabe ser irmão sem ser menor, sem servir e sem estar sujeito às criaturas. O respeito reverente para com todas elas, tão característico do Poverello, não é outra coisa senão uma maneira de servir.

Por sua vez, cada criatura conhece e conjuga um único verbo: servir. E aspira a uma única titulação: a do servo. Pois, tanto serve a água como a pedra, a luz como a escuridão, a ovelha como o lobo, o peixe como a serpente, a vinha como os abrolhos, a vida como a morte. A dinâmica das criaturas é servir sem saber que estão servindo. Por isso, todas elas são menores.

## Obediência em nós

A obediência será sem dúvida primordial se quisermos ser fiéis à profissão que fizemos: observar o Evangelho como Irmãos Menores. Mas, segundo o mesmo capítulo 10º da RB, de que nos ocupamos, isso somente será possível se nos dispusermos a desejar e a buscar o Espírito do Senhor e seu modo de operar e a abrir-nos a seus dinamismos (RB 10,9). A questão crucial de nosso compromisso de sermos obedientes põe-se necessariamente na esfera da fé. Sem essa abertura anterior e vital de seguimento generoso e incondicional a Jesus Cristo Obediente, que nos toque sempre de novo e nos reencante, seremos rasos em nossas relações fraternas, sujeitos e limitados a nossos devaneios, inconstâncias e vontades. E não conheceremos a liberdade que a obediência nos poderia proporcionar. Desatentos à dimensão da fé, tudo se nos torna mais difícil: seja o obedecer seja o “ordenar”, pois decaímos para o nível de uma “obediência” horizontal, sem raízes calcadas no profundo, na origem e fonte revigorante de nossa vocação de menores: o Espírito do Senhor. Como desejá-lo, como buscá-lo, como cultivá-lo? Uma ação puxa a outra: o desejar leva ao querer, o querer ao buscar, o buscar ao cultivar, e o cultivar ao desejar novamente e ainda mais... Meios, já os temos: a missão, a oração, a meditação, o silêncio, a vida fraterna, o estudo, o trabalho. Todos a serem bem temperados pelo desejo, pelo querer, pela busca, pelo cultivo. Nossa fraternidade há de ser espaço onde se vive em estado de obediência (*ob-audientia*) ao Espírito do Senhor, que nos ajude a fazer nosso o Seu modo de operar.



Frei Walter de  
Carvalho Júnior